



A “Revolta de Carrancas” como foi eternizada a insurreição escravista da Fazenda Bela Cruz, em 13 de maio de 1833 por pouco não dizimou a família Junqueira.

Essa rebelião levou ao maior enforcamento coletivo do país.

O Barão de Alfenas o mais ilustre membro dessa família fez parte da história política do Brasil Império, tendo sido várias vezes reeleito como deputado por Minas Gerais.

EM BREVE NAS MELHORES LIVRARIAS

KALUNGA

Vinicius Tadeu

*Os vissungos, cantos afro-brasileiros,
eram cantados nas Minas Gerais
no tempo do Brasil Império.
Muitas dessas cantigas,
com algumas alterações,
são lembradas até os dias de hoje.
Versam sobre as várias situações do dia a dia
dos negros escravos na lida campeira.*

Solo

Oenda auê, a a!

Ucumbi oenda, auê, a...

Oenda auê, a a!

Ucumbi oenda, auê, no calunga.

Coro 1°

Ucumbi oenda, ondoró onjó

Ucumbi oenda ondoró onjó (bis)

Coro 2°

lô vou oendá pu curima auê

lô vou oendá pu curima auê (bis)

CANTO DA TARDE

O sol está entrando,

vamo-nos embora

para o rancho.

O sol entrou,

vamos para o rancho.

Eu vou entrar é

para minha faisqueira.

(Edições Viva Voz – Belo Horizonte – 2009)

CANTO DA TARDE

N.º 33

(solo)
Oenda auê, a a! Ucumbi o - enda, auê, a a!

Allegro (estro)
Oenda auê, a a! Ucumbi oen - da auê, no ca - lunga.

Ucum. bi oenda ondoró onjó Ucumbi oen... da ondoró on-

jó Iô vou oendá, pu currima auê iô vou oendá pu currima auê

Prólogo

Timbô tê quê, quê, quê
Timbô tê quê, quê, quê
Timbô tê quê, quê, quê
Timbô tê quê, quê, quê

— Olá, meu preto! — Disse o senhor de vestes finas, mas puídas, velhas e desgastadas pelo uso, enquanto entregava um litro de *cachaza*.

O negro cantarolou em pensamento a antiga cantiga de agradecimento. Um hábito muito usual na época do trabalho escravo nas minas, porém há muito perdido no tempo. Em seguida falou:

— Sou forro, sinhozinho, quantas vezes eu tenho que lembrar a vossemecê? — disse o preto velho, mantendo a cabeça baixa, seguido de uma risadinha gutural orquestrada pelo chiado do peito cansado, tudo intercalado a uma persistente tosse espasmódica agravada pela fumaça puxada do cachimbo que não parava de tragar.

Idade bem imprecisa, porém, próxima aos cem anos que são necessários para clarear os cabelos dos negros, agora alvos como a camiseta de gola redonda que estava usando por baixo de uma camisa de manga três quartos feita em tecido rústico de algodão cru que mantinha aberta.

A calça, do mesmo tecido da camisa, lhe cobria as pernas até pouco abaixo dos joelhos.

O chapéu de palha, de abas voltadas para baixo nos dois lados, permitia ver no topo da cabeça duas pequenas entradas laterais devido à queda dos cabelos naquela região.

Bigode, cavanhaque e costeletas unidos à barba por fazer de muitos dias formavam um só conjunto branco que deixava à mostra apenas os beiços grandes, com o inferior se sobrepondo à região da barbicha.

Acima dos olhos, as sobrancelhas também brancas faziam par em cor aos globos oculares que só se destoavam pelas manchas circulares, escuras e centrais, que se misturavam às pupilas.

Suas bochechas bem cheias amenizavam o formato do nariz largo e achatado.

Dois sulcos muito profundos, paralelos e ondulantes lhe emolduravam a testa de ponta a ponta.

Pés calejados e descalços com as plantas esbranquiçadas que lembravam palmilhas coladas, e, entre eles, uma cuia de cabaça que utilizava para cuspir dentro de vez em quando.

Antes de responder, o homem branco sorriu e meneou a cabeça por duas vezes passando a impressão de um leve descontentamento.

— O tempo que for necessário para lembrá-lo que da época em que eu era sinhozinho já se passaram cinquenta anos. — Respondeu, retirando o chapéu e passando a mão direita nos cabelos grisalhos e, depois, pela pele enrugada do rosto para limpar o suor; ao mesmo tempo em que se sentava ao lado do negro em um tronco de braúna. — Isso ainda vai te matar — continuou em tom de brincadeira, apontando o cachimbo e referindo-se ao fumo.

— Escuto isso há quase cem anos.

— Eu sei... deixa pra lá. Zé Mina, como você disse a pouco e é verdade, você foi alforriado há mais de vinte anos, mas não fez nada com a sua liberdade, nunca deixou a propriedade, continuou vivendo como um escravo... o fato não mudou em nada a sua vida.

— Mudou... sou livre para ir e vir até onde eu quiser. Mas... Sinhozinho, há vinte anos eu já era um velho... ir aonde? E fazer o quê lá? Seu tio-avô me alforriou somente para não ter a obrigação de cuidar de mim. Igual sua família fez com você!

— Como comigo? Como assim? Acho que o velho está começando a dizer besteira. Perdeu o respeito? Pode ter perdido o juízo?!

— Somente as forças! Eu vivo pelo respeito, e não existe nada de errado com a minha cabeça.

Depois de anos de trabalho para os seus parentes, eles te deram esta fazenda que estava há muitos anos abandonada; isso apenas para aparentarem aos olhos dos demais uma bondade que eles não têm. Sem filhos, escravos, animais e sem dinheiro estas terras só lhe servirão, igual a mim, para aqui esperarmos pelo nosso fim. Isso sem contar que, assim, eles pensam terem se livrado da maldição.

O negro cessou a fala, pigarreou, levantou os olhos e ficou com o olhar parado, fixo em uma frondosa árvore que, majestosa, balançava seus galhos repletos de cachos de sementes a uns cem metros de distância, em frente à construção que um dia serviu de senzala.

O branco acompanhou o olhar do preto velho e também fitou a árvore, antes de perguntar:

— O que tem a árvore?

— É um pau-d'alho!

— Isso eu sei, com esse sol forte o cheiro fica insuportável, parece catinga de preta.

O negro limpou a garganta, e depois apontou a árvore com uma das mãos, antes de responder:

— E é... Florência!

— Quem é essa, acho que nunca ouvi falar!

— Nhô Domingos não permitia que dela se falasse... se fosse um negro, ia direto pro tronco. Os brancos não se arriscavam a contrariá-lo.

Todos os fatos estavam vívidos na cabeça do antigo escravo.

O homem branco ficou pensativo, forçando a memória em busca de lembranças que lhe dessem informações quanto ao fato. Por fim, desistiu.

— Bom, ele está morto e enterrado, e estas terras agora são minhas... mesmo que não valham lá muita coisa. Sou o novo senhor... mesmo que não tão novo. Conte-me essa história.

O negro pareceu aliviado por poder colocar para fora um segredo de dezenas de anos. Limpou a garganta, bafou o cachimbo, se ajeitou na tora de madeira que servia de banco, e começou:

— Nega bonita, mas desde cedo envolvida com as forças do mal. Peneira com tesoura, bacia d'água, chave dentro do livro das horas de Nossa Senhora, defumadores de ervas, beberagens, cartas de tocar para fechar o corpo... de tudo.

O preto velho puxou fumaça do cachimbo e soprou à sua volta antes de continuar:

— Comandava os calundus e catimbós, invocando antepassados para saber as causas de doenças e dos desassossegos. Diziam que tinha pacto com o demônio, e mais... — o negro fez o sinal da cruz — que ela entregou sua alma a ele. Fazia de tudo para conseguir a liberdade.

— Uma bruxa? — quis saber o outro.

— Feiticeira... das mais temidas. Vivia na chamada “Aldeia dos Feiticeiros”, lugar de magia negra, frequentado amiúde por seu tio-avô que se utilizava dos serviços daquela negra para tudo que precisasse: negócios, sexo, jogos, intrigas e até para a sua proteção pessoal; gabava-se de ter o corpo fechado.

— Prossiga!

O preto velho tirou outra baforada antes de prosseguir:

— Mas ao que tudo indica ele prometeu o que não podia cumprir... melhor, o que demorou para cumprir: “fazer forro a neguinha”.

Um pigarreado a mais e seguiu adiante na narrativa:

— Nhô Antônio, o senhor da negrinha, a princípio não queria se desfazer da escrava, por melhores que fossem as ofertas de seu tio-avô, ele sempre as recusava. Perdendo a paciência, ela enterrou uma panela na porta da casa-grande.

O negro se virou ainda sentado e apontou a vivenda, depois falou:

— E ela fez uma jura: “Nhô Domingos só vai se casar depois que eu for livre”. Ela não se conformava com o cativo, queria sua liberdade a qualquer custo. E o tempo foi passando, até que Nhô Domingos conseguiu com tramoia, e alguma

ajuda da negra-feiticeira, ganhá-la em um jogo de bisca.

O negro balançou a cabeça e puxou fumaça.

— E Nhô Antônio entregou a preta? — Quis saber o outro, interessado que estava na história.

— Sim! Homem de palavra, ele aceitou a derrota e entregou a negrinha, mas, veladamente, ele jurou vingança. Na tarde daquele mesmo dia seu tio-avô alforriou Florência, mas ela continuou trabalhando para ele aqui nessa fazenda.

— Mas é óbvio que ele não se casou, isso eu estou canso de saber — o outro ressaltou.

— Aí que vem a melhor parte — pigarreou — Em pouco tempo ele, seu tio-avô, conseguiu marcar casamento com uma moça de família católica da cidade grande. Mas a vingança de Nhô Antônio pôs tudo a perder. Ele denunciou Nhô Domingos à igreja, ao Tribunal do Santo Ofício, por práticas demoníacas que envolvia a antiga escrava; com isso, a família da moça rompeu o compromisso do casório.

— E a preta-feiticeira não fez nada?

— Calma — pediu o negro. — Com sua magia a Florência matou o Nhô Antônio, mas o estrago já estava feito, e esse fato só fez piorar sua situação.

— E o meu tio-avô não fez nada?

— Fez! Como se diz, ele tirou o corpo fora e jogou toda a culpa do acontecido na feiticeira.

— E ela?

— Bem... sozinha e abandonada por todos aqueles que ela tinha ajudado, por este e outros crimes com uso de feitiçaria, aí incluindo a morte do marido de uma sobrinha que lhe devia muito dinheiro, Florência foi condenada e entregue ao carrasco para ser enforcada. E está enterrada ali.

José Mina apontou novamente o pé de pau-d'valho.

— A árvore ainda não existia quando do acontecido. Seu tio-avô, acobertado pelo título de alferes, escapou ileso, mas nunca conseguiu se casar e morreu sem ter filhos.

— E tudo acabou com a morte da feiticeira!

— Quem dera! — José Mina balançou a cabeça para os lados.

— Tem mais?

— Outra história, durante o processo seu tio-avô alegou ter alforriado a negra sob o efeito de bruxaria e pediu a anulação do ato.

— Eu não entendo os motivos, a igreja não faz distinção de preto ou de branco quando o caso é de feitiçaria. — Nhô Tibúrcio coçou o queixo. — Escravo ou forro também não faria diferença nenhuma. Ela seria enforcada de qualquer forma.

— Sim, tanto que o foi! Só que ele estava interessado nos bens da negra.

— E ela tinha alguma coisa?

— Muitas posses! Dinheiro, joias, escravos, muitos deviam dinheiro a ela. A nega era rica!

— Ela morrendo cativa tudo ficaria para o seu dono como uma compensação pela perda do escravo; espertinho esse meu tio-avô. E a alforria foi anulada?

— Sim! Ele conseguiu anular a carta de alforria.

— Bom, melhor assim. Os bens iriam para o Estado. A preta não perdeu nada com isso.

Zé Mina balançou a cabeça discordando.

— Não, não... ela perdeu a liberdade. Seu tio lhe tirou o direito de morrer livre. E ela não iria perdoá-lo por isso, jamais. E não perdoou!

— Como assim?

— Com o barão no pescoço, antes que a corda apertasse, a feiticeira engoliu um dente de alho que trazia escondido na boca e gritou “Nhô Domingos eu vou acabar com você e com essa sua maldita fazenda!” Pouco depois foi declarada morta de morte natural e para sempre.

— E como ela veio parar aqui na fazenda, enterrada ali, naquele lugar — Nhô Tibúrcio apontou a árvore.

— Peso na consciência do seu tio-avô. Ele pagou à irmandade leiga para poder enterrar a nega aqui na fazenda. O maior medo dela era ser enterrada em lugar profano.

— É... acho que nesse caso... feitiçaria, não se aplica os ditos da igreja.

— E porque é alheio da razão e da piedade cristã, que os senhores, que se serviram de seus escravos em vida, se esqueçam deles em sua morte, lhes encomendamos muito, que pelas almas de seus escravos defuntos mandem dizer missas, e pelo menos sejam obrigados a mandar dizer por cada um escravo, ou escrava que lhe morrer, sendo de quatorze anos para cima, a missa de corpo presente, pela qual se dará a esmola costumeira.

Depois de recitar o texto decorado o negro olhou para o homem branco.

— É isso aí meu preto, mas o motivo sempre foi a “esmola”. Os sepultamentos feitos de acordo com as normas devem corresponder, grosso modo, ao universo dos filiados às irmandades e que conseguem cumprir todas as exigências do sepultamento cristão, o que nem sempre é fácil. Exigências essas que eu posso te dizer todas: administrar os sacramentos ao moribundo e, após o falecimento, realizar a encomendação do corpo, a preparação em mortalha adequada, o transporte e

o sepultamento com a presença de um religioso, missa e velas. Isso porque nós pagamos o padre, a mortalha, a sepultura, a missa e também as velas.

Os dois tinham decorado as normas da igreja para que tivessem o direito ao seu ritual. Uma ânsia desesperada de cercarem-se de todas as garantias à salvação, a garantia do “morrer bem”.

— Sou forro, sei disso, e venho pagando há tempos. Voltando ao assunto da negra enforcada. Pouco tempo depois, ali naquele lugar — o negro voltou a apontar a árvore — onde Florência foi enterrada, nasceu aquele pau-d’alho, que cresceu mais e mais à medida que a propriedade decaía a olhos vistos. Seu tio-avô que antes tinha sorte no jogo só perdia. Perdeu muito!

— Perdeu tudo! Essa parte da história eu já tinha ouvido em família.

— E essa fazenda passou a conviver com o estigma da maldição da escrava que era alforriada e voltou a ser cativa na hora da morte: as cavas das minas se exauriram, os escravos da fazenda não mais procriavam, fugiam, adoeciam, morriam, ou mesmo se matavam; e as criações não tiveram melhor sorte. As pragas destruíram as lavouras e plantações, até chegar a isso que o sinhozinho está vendo. Um lugar no qual não nasce nem calango. E que lhe deram por *gratidão*...

O negro pitou o cachimbo mais uma vez.

O Sr. Tibúrcio fez menção de interromper a narrativa, mas o preto fez um sinal com uma das mãos, aquela que segurava o cachimbo. Soltou uma baforada de fumaça no rumo do outro, provavelmente um cuidado para afastar os maus espíritos. Deu novamente sua risadinha gutural e entre um acesso de tosse e outro, falou:

— À medida que a árvore crescia a catinga aumentava, ao ponto de depois de uma chuva, com sol quente e vento forte, atingir quilômetros de distância. Tem aí a história que pediu e, agora, um conselho desse velho: Queime... queime tudo... tronco, galhos, até as raízes, não poupe nem os rebentos e as sementes... até as folhas devem ser queimadas; só assim essa propriedade voltará a ser próspera e produtiva. Nhô Domingos nunca teve coragem para isso e morreu na penúria. Na maior miséria! É isso o que esse pai preto consegue ver... e aconselhar.

— Pois vou fazer isso! E vou fazer isso já!
— Respondeu decidido o Senhor Tibúrcio.

A conversa teve de ser interrompida. Um cavaleiro se aproximava e, pelos trajes cobertos de pó, dava a impressão de vir de longe.

— Boa tarde! — Cumprimentou o viajante, tocando a aba do chapéu com a mão direita.

— Boa tarde! — Respondeu o fazendeiro, enquanto repetia o mesmo gesto de reverência.

— Venho lá das bandas de São Tomé das Letras. A Fazenda Degredo está muito longe? — Perguntou o viajante sem apeiar do cavalo.

— Está muito longe de casa forasteiro, mas muito perto do seu destino, é logo ali... apenas duas léguas — informou Tibúrcio, apontando o rumo noroeste com o braço direito e o dedo indicador esticados.

De fato 10 quilômetros não era uma grande distância para se cobrir a cavalo.

— Agradecido! — O viajante levou a mão ao chapéu e esporeou o animal, mas logo parou à sombra do pau-d’alho e apeou rapidamente.

— Apressado pro leilão! — Falou o branco.

— Apressado pra cagar! — Tornou o negro, que até então tinha se mantido calado, seguido de um chiado do peito que mais parecia um assovio.

Nhô Tibúrcio retomou a conversa no ponto em que haviam parado.

— O Tião Casqueiro dá conta da árvore?

— Escravo-de-ganho tá sempre louco por qualquer trabalho extra, ainda mais ele que quando não está descascando e falquejando madeira está derrubando árvores. Chico do Vinho é parceiro dele, fazem de tudo juntos, e aceitam qualquer

coisa em pagamento, ainda mais nessa época que não tem trabalho nos vinícius.

José Mina cachimbou mais uma vez antes de completar:

— E eles nada sabem da maldição, isso eu posso garantir. Só por isso vão aceitar o serviço.

— Então você, velho, fica de boca fechada. Vou tratar a empreitada com eles.

O senhor Tibúrcio montou no cavalo que estava amarrado em um mourão próximo, tocou na aba do chapéu, e partiu no rumo contrário ao que estava o outro cavaleiro.

À sombra da enorme árvore, o viajante tinha apeado rápido, arriado a calça e estava de cócoras. Pegou do bolso um cigarro de palha já enrolado e uma binga rústica, um pequeno tubo de cipó-imbé com duas tampas, retirou uma delas, encostou bem próximo de uma pedra-de-fogo e bateu por duas vezes com o fuzil que logo incendiou o chumaço de lã de folhas de coqueiro. Acendeu o porronca, fechou a binga para abafar e extinguir o fogo, e, ainda agachado, começou a tirar baforadas.

Aliviado do aperto que o impedia de pensar em qualquer outra coisa, o forasteiro pôs a sua atenção e sentidos no local onde se encontrava.

— Que cheiro de carniça... ou eu comi algo estragado ou essa árvore fede pra caramba.

Minutos depois o cavaleiro levantou-se, abriu o alforje, pegou um folheto e ainda o releu antes de usá-lo “Leilão Geral de Escravos - 01 de maio de 1800 - Fazenda Degredo no Arraial de Prados – AO MELHOR PREÇO - 5 negrões – 1 negra (ama-de-leite com cria - desembaraçada nos serviços domésticos) - 2 mulatos – 3 mulatas (uma quase-branca) – 10 crianças”.

Terminando de se limpar, jogou o papel para um canto, subiu a calça e prendeu o suspensório.

Enquanto com a bota empurrava terra em cima dos dejetos, uma semente em forma de mão-em-figa se despreendeu do alto do pau-d’alho e, num bailado giratório, foi se alojar no fundo do alforje.

— Acho que era eu mesmo... essa árvore tem aroma agradável. — O viajante olhou para a copa entremeada de folhas e cachos de sementes, fechou o alforje, puxou uma respiração profunda, sorriu satisfeito e voltou a montar para prosseguir em sua viagem.

O preto velho, ainda sentado no tronco de braúna, sentiu a mudança do cheiro no ar.

— Acho que o Sinhozinho vai jogar dinheiro fora. Florência se foi!

Capítulo 1

*Ele tinha os escravos como filhos,
porque eram eles que de fato
faziam todo o trabalho.
Faziam de tudo.*

José acordou com o sol ainda nascendo atrás das montanhas que rodeavam a fazenda Bela Cruz, e ao primeiro canto do galo já estava em pé.

Andou se espreguiçando até uma mesinha de canto sobre a qual estavam uma jarra, bacia, toalha e sabão. Despejou um pouco de água, molhou uma das pontas da toalha, passou na barra de sabão, e esfregou nos dentes da frente. Encheu a mão direita com o líquido da bacia e sugou para dentro da boca e, em seguida, com as mãos em concha, jogou água por duas vezes no rosto. Abriu a janela ao lado e esvaziou a bacia do lado de fora da casa. Cuspiu pela abertura, pegou a toalha ainda meio dobrada e apenas a bateu no rosto e nas mãos.

O sol, que timidamente fazia com que os seus raios passassem apenas pelas frestas, inundou o quarto. Isso fez com que Dona Antônia se espreguiçasse ainda deitada, para em seguida sentar-se na beira da cama do casal. Quieta, acompanhou o marido se aprontar para sair.

José colocou o chapéu, calça, botas e, por último, uma camisa branca de algodão. Sem nada dizer, deixou o quarto e foi até a cozinha.

— Negra, viu o meu filho?

A escrava fez uma inútil reverência e falou:

— Como ele sempre faz, meu senhor, pegou uma caneca com café e correu para o curral.

— Então ele deve ter ido pegar leite direto da ordenha — tornou o homem sem se preocupar.

De fato, o garotinho tinha corrido para o retiro, entregado a caneca ao ordenhador de vacas e agora aguardava a devolução.

— Com bastante espuma — insistiu.

— Sinhozinho fica tranquilo que eu sei como vosmecê gosta.

Em pouco tempo o negro entregou a caneca transbordando de uma espuma enegrecida pelo café.

O garoto bebeu o excesso, ficando com as bordas da boca marcadas de espuma. Em seguida, correu de volta para a casa-grande e foi direto para a cozinha.

— Sua benção — falou para o pai, enquanto também se sentava à mesa —, vai me levar para a roça hoje?

— Deus te abençoe!

O velho negou com a cabeça antes continuar:

— Hoje não, seu tio vem nos visitar, mandou recado ontem, melhor se arrumar para esperá-lo.

— Tá bom! Amanhã?

— Sim! Amanhã!

O homem estampou um sorriso no rosto e saiu.

Do lado de fora, um negro já aguardava com um cavalo arreado e ajudou o homem a colocar o pé no estribo.

— Julião, vamos ao canavial e, depois, à plantação de fumo, aquela parte que fica perto da porteira.

O crioulo saiu puxando o cavalo.

Em poucos minutos de animal a passo eles estavam junto aos escravos que trabalhavam na plantação de cana-de-açúcar.

Um dos negros se aproximou.

— É Joaquim Mina?

— Sim, é Joaquim, seu criado — o preto retirou o chapéu e segurou-o com as duas mãos em frente ao peito —, alguma ordem, meu senhor.

— Sim! Terminando aqui, vá com os outros pretos para a plantação de fumo, comecem perto da estrada, próximo à entrada da fazenda.

— Assim será feito! Mais alguma ordem?

— Sim! Volte ao trabalho, e avexe esses negros, eu não estou escutando as enxadas

batendo contra os cascalhos — falou o velho em tom firme.

José continuou a vistoria por outros lugares sem apeiar do cavalo.

— Dois cavaleiros estão se aproximando, meu senhor, um é o senhor Gabriel, seu irmão, o outro eu não conheço. É um negro e está armado — o crioulo avisou assustado.

— Tudo bem, o outro deve ser mais um dos capitães do mato que ele contratou, eu não sei para que tantos; dinheiro jogado fora. Lhe entregue a rédea e se afaste um pouco, vou conversar a sós com ele.

O negro entregou as rédeas do animal ao cavaleiro que chegava e se afastou.

— José! — Falou o homem que chegava, inutilmente tocando a aba do chapéu, antes mesmo de desmontar.

— Gabriel! — Disse José, enquanto tocava a mão direita no chapéu.

Gabriel desceu do cavalo, retirou o chapéu e o bateu nas coxas para retirar o pó acumulado.

— Irmão, há quanto tempo.

— José, a vida na Corte toma quase todo o meu tempo. O novo caminho diminuiu a viagem em cinco dias, mas ainda é uma jornada longa, cansativa e perigosa. Muitos apostam que um dia

eu não chego vivo aqui ou na corte. Tenho certeza que muitos querem me ver pelas costas.

— Eu sei! É uma época difícil. Desde que se elegeu deputado nos vimos poucas vezes, mas tenho acompanhado todo o seu trabalho. Aliás, parabéns por ajudar a evitar a guerra civil, o povo das Minas Gerais seria o mais prejudicado.

José se referia às constantes revoltas que eclodiam por todo o império.

— Isso ainda não está de todo descartado, o Gabriel está empenhado em reunir homens para a marcha sobre Ouro Preto.

— Seu filho está certo, temos a obrigação de dar o exemplo, os sediciosos têm que ser punidos. Enforcados!

— Em matéria de política tudo é difícil... eu diria ser isso impossível, no mínimo improvável. Já se fala em oferecer anistia.

— Perdão! Isso é um absurdo. Seu filho é o Juiz de Paz, e ele tem todos os poderes nas mãos. É a autoridade máxima... o governo é aqui em São João Del Rei. Tragam todos os cabeças para cá, julguem, condenem e enforcem, mas façam isso rápido; essas desordens atacam os escravos. Aqui, você e seu filho são a lei e a ordem, e não podem fraquejar, senão, que tipo de exemplo nós estaremos dando ao resto do Brasil.

— Não é bem assim... se forem julgados e eu não posso garantir que eles vão ser, vai ser por um colegiado de juízes de paz, se Gabriel for por este caminho ele vai estar sozinho nesse mister. Eu não posso aconselhá-lo a isso. Sinto muito!

José balançou a cabeça em desagrado.

— Falo pelo que ouço, e seu filho tem falado aos quatro cantos que vai fazer de tudo para impor a pena capital. Não sei de que adianta esse novo Código de Processo Criminal se não for para isso.

— Irmão, o código deu poderes demais aos juízes de paz. Num problema local e de pouca monta pode até ser viável, mas este de Ouro Preto é um problema muito mais abrangente; envolve a capital. Meu filho ainda é muito jovem e afoito, e peca ao julgar de antemão fatos que ainda não foram entregues ao seu julgo, com isso ele faz apenas atrair a ira dos envolvidos.

— Ouro Preto... capital? Que capital? Nossa capital é São João Del Rei!

— Isso é provisório, as coisas se acalmando o Barão de Pontal vai voltar para Ouro Preto e ele volta a ser o único presidente da província. Você pode escrever o que eu estou dizendo.

— Por isso que eu não gosto de política, com ela tudo se ajesta.

— Política é arte do possível!

Os dois caminharam alguns passos e José sentou-se em uma pedra.

— Gabriel, sente-se — apontou uma pedra à sua direita.

— Fico abismado com essa sua capacidade de localização das coisas, eu, ao contrário, não consigo saber sequer onde estão minhas botas... quando não estão nos meus pés, lógico.

De fato Gabriel tinha admiração pela força do irmão mais velho. *Ele não se abala*, pensou.

— Conheço cada pedra e buraco em minhas terras... e na Campo Alegre também. Que negócio é esse de dar sequência às loucuras do nosso pai?

— Tá falando da gruta, não é? Já vieram te contar!

— Da capela, você quer dizer. Vai terminá-la?

— É... você está certo! Capela! Mas com um motivo nobre, um lugar para sermos enterrados, não se esqueça de que o novo código também proibiu o enterro em igrejas.

— Besteira, depois de morto o que importa onde somos enterrados, qualquer lugar serve, é somente mais um motivo idiota dos restauradores; além da aguardente. Apesar de que com esse eu concordo, e em minha opinião o imposto devia ser bem alto. Estão usando cana boa para fazer essa

droga. No tempo apenas da *cachaza* era um aproveitamento da espuma que ia ser ateadada fora e servia para acalmar os escravos; só os negros tomavam aquele “mijo de égua”. Deixa pra lá! Só que eu não vou ser enterrado naquele lugar; irmão, não conte comigo.

— Não foi você que acabou de dizer que depois de morto qualquer lugar serve.

— Não lá! Depois que você retomou as obras aquilo voltou a ser lugar de peregrinação de negros. Esqueceu-se de João Antão? Logo teremos uma leva de negros com cartinhas e mais cartinhas, loucos para serem alforriados.

— José, aquilo foi coisa de algum jesuíta, com certeza era só mais um deles fugindo da perseguição do Marquês de Pombal. Não acha que eu tenho razão? Senão de onde mais teria vindo a imagem de São Thomé. Do céu?

— Não é isso... você era um recém-nascido naquela época, e agora não acredita nessas coisas, mas falava-se de negros desaparecidos sem deixar rastros, animais cortados ao meio sem sangrar, luzes noturnas, uma porta para o além, homens em máquinas voadoras... é por isso! Não sei se veio do Céu, mas que veio de algum lugar aí de cima — José apontou o braço para o alto —, ela veio! No meu tempo de caçadas eu não passava por lá.

— Lendas... histórias de pretos, não existem máquinas voadoras. Homens não voam!

— Pode ser, mas, na dúvida, vou mesmo ser enterrado aqui na Bela Cruz. Como eu já disse, faça seu túmulo lá, mas não conte comigo, não com minha companhia... pelo menos não para isso. Mudando de assunto, alguma chance na volta de Dom Pedro I. Afinal, não é isso que os sediciosos querem?

Gabriel não precisou pensar para responder:

— Não! Dom Pedro I está se preparando para uma guerra em Portugal, o que os sediciosos querem na verdade é a volta de seus privilégios, mas vamos deixar a política de lado. Irmão, você se esqueceu de dizer que dizem que aquele lugar será poupado quando da destruição total da Terra. Não é o que falam por aí? Acho que não vai adiantar muito se eu já estiver enterrado lá — Gabriel completou com uma risada.

José balançou a cabeça em um claro sinal de desaprovar a forma de pensar do irmão, e retomou a conversa mudando o rumo da prosa:

— Não se brinca com essas coisas. Mas vamos falar do que nos afeta mais diretamente... eu estou preocupado com você. Sabe que muitos o culpam pelo estado das coisas nas Gerais, e dizem que no império todo não se fala de outra coisa. O

fato de ter humilhado o candidato do Imperador nas urnas... falam que isso o levou à depressão e à abdicação. E que pode levar a uma luta geral pelo poder.

— Uma guerra civil não traria benefícios a ninguém, mas o mérito por evitá-la coube mesmo a Dom Pedro I por ter ido embora... e por ter desistido de voltar; se é que algum dia ele pensou nisso. Minha vitória foi apenas um manifesto de desgosto do povo das Gerais, se isso levou ou não a ele tomar a decisão de abdicar eu não sei. Pode até ser que sim, mas eu acredito que a morte de Badaró teve o maior peso, embora ele contasse com Minas para impor suas ideias absolutistas.

— Ainda posso escutar os sinos repicando o toque de finados quando da visita dele aqui nas Gerais. — José lembrou.

— Sem contar as casas dos que lhe deram abrigo sendo apedrejadas. — Completou Gabriel, continuando:

— Mas eu sei que, nesse momento, ele está muito mais preocupado com Portugal e em travar uma guerra com o irmão, do que com qualquer coisa que aconteça aqui; a menos que se refira ao trono do filho, o que não é o caso. Nos dias de hoje essa teimosia pela volta de Dom Pedro I é só para inglês ver e é divulgada somente entre os

nossos e apenas para esconder o problema real, como já disse.

— Confesso que na época fiquei apreensivo, afinal o filho dele é apenas dois anos mais velho que o meu José. Mas a regência está dando certo, melhor mesmo permanecer assim.

— Falando no José, como está seu filho?

— Bem! No momento, com o restante da família te aguardando na casa-grande. Mas o motivo de eu vir te encontrar no campo é outro, não quero deixar a minha família preocupada, mas cuidado com um negro de sua propriedade, esse que você comprou no Rio, o tal de Ventura Mina, ele andou confabulando com o traste do Francisco Silvério de Ouro Preto. Dizem que ele é um Rei.

— Um Rei Mina, também ouvi falar. Sendo ou não, o que interessa é que é um líder nato. Os pretos o obedecem e não questionam suas ordens, é inventivo, eficiente, desenvolve o trabalho como ninguém... tem muita facilidade na lida do campo, resolve os problemas mais diversos com rapidez e perfeição. Eu preciso de escravos assim, quem dera eu tivesse mais iguais a ele. Quanto a ser perigoso, acredito que os meus capitães do mato o são muito mais, e ele sabe; por isso se mantém na linha e, de quebra, mantém para mim todos os outros negros em rédea curta. E isso é bom!

— Bom pra você... e para os caramurus. Se for aliciado, se já não o foi, vamos ter problemas.

— Eu considero esse apenas mais um ano de muita fumaça e pouco fogo, tanto que não é de agora, começou mesmo com a abdicação em 31; e posso te dizer com certeza que vai continuar até o garoto atingir a maioridade, ou...

José completou a frase do irmão.

— Ou o Rei-soldado morrer em combate defendendo o trono que por direito é de sua filha.

— Esperemos que sim! Sem contar que, pela vida desregrada, a tuberculose não pode de todo ser afastada. De qualquer forma, sou obrigado a avalizar aqueles que veem na morte do Duque de Bragança um alívio para o Brasil. O que é grave aqui é “que os brancos falam demais e os escravos ouvem tudo”, isso aconteceu em vários lugares: Tortola, Barbados e na Jamaica. À época, muitos dos nossos, por conveniência, espalharam o boato que Dom Pedro I queria todos os escravos libertos, e... que ele teria assinado essa alforria geral; e que por isso foi forçado a deixar o país.

— E agora temos que conviver com isso. Mas sabemos que o único motivo foi o conflito de interesse entre os dois tronos. — José abriu os braços dando graças — E nosso direito de sermos governados por um brasileiro.

— Nós sabemos disso, mas os cativos só ouvem o que lhes interessa. Ainda temos muito ano pela frente... e esse vai ser um ano de muitos problemas. Os falsos boatos causam dissensões políticas entre nós e constituem-se em verdadeiros estopins para o surgimento de revoltas escravas. No mínimo reforça a histeria latente entre as autoridades e os proprietários escravistas, pior para nós, que estamos em uma região de intensa concentração de escravarias.

— E já vimos isso dois anos atrás!

— Sim! O vigário instigando os escravos a obterem a liberdade pela força.

— E que esse era o desejo de Dom Pedro I.

— A história sempre se repete... é isso aí!

— E a falta de uma punição de dar exemplo em 31, com o enforcamento de todos envolvidos, deixou a porta da impunidade escancarada. Por isso mesmo, Gabriel, fica de olho. Esse seu negro é popular entre os escravos, e é perigoso. Você sabe que ele já te causou alguns problemas antes.

— Tramou um levante e foi disciplinado.

— Mas ele nunca se esqueceu! Meu irmão, aquele preto é vingativo, os meus pretos o temem; e eu não posso dizer que não.

— José, temos que temer a todos os pretos, não se fie na bondade ou na submissão de nenhum

deles, todos eles são perigosos. Vigilância é a palavra-chave. Há muitos insurgentes entre os caramurus: forros e cativos, mas também pardos e brancos dentre os da população mais pobre. Dada a sua condição, devia contratar um bom capitão do mato, eu ficaria mais tranquilo se fosse assim. Você trata os escravos como se fossem filhos, mas eles não são.

— Ao contrário de você, irmão, eu não ofereço perigo a ninguém. Não vejo necessidade.

Gabriel ficou pensativo, não era a primeira vez que ele tentava convencer o irmão mais velho.

— Pode ser! Mas pense com carinho no assunto.

— Vou pensar, prometo! Agora nós vamos deixar os problemas para lá, eles nunca se acabam mesmo. Quero te mostrar a mais nova integrante da família.

— Vamos lá! Sei que o seu genro está na Jardim, pretendo passar por lá onde sou esperado para o almoço; depois, vou pernoitar na Angahy. Por isso a minha pressa.

O próprio deputado puxou a rédea do cavalo do irmão, e rumaram todos à sede da fazenda.

Julião Criolo foi andando atrás dos cavalos e o capitão do mato se manteve na retaguarda.

Não demoraram a percorrer o trajeto.

Uma verdadeira comitiva os aguardava em frente à casa-grande.

— Tio Gabriel, sua benção — o pequeno José foi o primeiro a se aproximar eufórico com a chegada do tio famoso. Assim que o pai desapeou do cavalo, ele pegou as rédeas das mãos do tio e entregou a Julião.

— Como você cresceu — comentou Gabriel, enquanto levantava o garoto até acima da cabeça —, deve pesar uma tonelada.

O elogio do tio deixou o garoto orgulhoso.

— Arroba e meia e mais de uma vara de altura — disse o garoto.

— Um gigante, vai ficar maior que seu pai — o homem colocou novamente o menino no chão e virou o corpo na direção da cunhada.

— Gabriel, há quanto tempo, esqueceu-se de nós? — disse Antônia.

— Parece que faz um século. E já estou voltando para a Corte amanhã. Foram-se os bons tempos, até hoje eu não sei por que aceitei entrar na vida pública.

— Deputado! — Ana fez reverência à moda da corte.

— Ana — Gabriel balançou a cabeça para os lados —, é um prazer revê-la, mas sempre vem junto a saudade do Francisco. Ainda o vejo em

meus sonhos quando o motivo são as caçadas. São recordações das quais não se esquece.

Uma menina se aproximou de mãos postas e coladas ao rosto.

— Bença!

— Antoninha, quase não a reconheci, está uma moça.

A menina sorriu vaidosa.

— Emilinha! — Gabriel baixou ligeiramente a cabeça.

— Gabriel! — A mulher repetiu o gesto e se virou para a escrava:

— Benedita, traga o neném para o deputado ver. O nome dela é Maria.

A escrava se aproximou de Gabriel.

Gabriel afastou a parte do véu que cobria a cabeça da bebê, toda enfaixada, enrolada igual um charuto, toda durinha.

— Linda! A família está aumentando cada vez mais — comentou o deputado —, meus parabéns a você pela linda menina, o Manoel eu cumprimento lá na Jardim. Mas tem uma pequena agarrada na saia da avó. — Quando Gabriel falou, a menininha se escondeu mais ainda.

— Essa minha neta é caipira mesmo, morre de vergonha, vive escondida pelos cantos. Pede benção pro tio — insistiu a avó.

Quando Gabriel tentou se aproximar, ela soltou-se da saia da avó e correu se esconder no jardim da casa.

— É bicho-do-mato, não adianta mesmo insistir, sempre se embrenha e some nesse roseiral quando quer se esconder de alguém ou de alguma coisa. O tempo todo fica mocoçada ali, só Deus sabe o perigo. Não sei como não se machuca, é um espinheiro só. Acho que só por Deus mesmo.

Gabriel olhou a touceira com rosas de várias cores e tamanhos, apenas com algumas aberturas rente ao solo, quais pequenos túneis que acreditou terem sido feitos por porcos criados soltos e alguns animais domésticos, principalmente os cachorros. A menina entrou rastejando, quase colada ao solo, e se esgueirou cada vez mais pelos caminhos estreitos até desaparecer das vistas de todos.

— Vamos entrar Gabriel, por favor. — Falou José, se aproximando do irmão.

— Esse cheiro no ar, parece que a árvore, a sua árvore, aquela que plantou na Campo Alegre, me acompanha por onde vou. Pode ser somente impressão minha, mas senti lá na roça enquanto nós conversávamos. Só não sinto esse cheiro lá na corte, e o que é pior; o cheiro lá chega a ser insuportável. A cidade fede.

— Pode ser! Não fosse uma árvore, eu diria que é uma enxada, daquelas que gostam de se intrometer em conversas alheias. Até hoje eu não sei como essa semente foi parar no meu alforje...

Todos, à exceção da garotinha escondida, entraram na casa.

Quando Gabriel partiu, José falou para a mulher sobre a preocupação do irmão quanto à segurança deles e da fazenda.

— Ele pode ter razão, José, dias desse o tal de Ventura Mina esteve na senzala visitando o Joaquim. Joaquim é um bom feitor, mas não se pode fiar em negro. Ademais, com esse negócio de caramurus, vai saber o que se passa na cabeça dessas antas.

Ela já estava apreensiva há algum tempo, só não comentou em respeito à opinião do marido em relação ao assunto.

O marido ficou pensativo avaliando o que o irmão havia dito.

Avaliou a própria condição física.

O fato de seu genro ficar direto em serviço volante com a sua tropa de burros pesava em sua decisão.

Balançou várias vezes a cabeça para os lados e resmungou um monte de palavrões, mas teve que aceitar o óbvio: a fazenda ficava a maior parte

do tempo sem um homem branco que não fosse imprestável em caso de uma revolta escrava.

— Gabriel tem razão! Você tem razão! Todo mundo tem razão. Minha teimosia vem colocando a família em risco. Quando Gabriel voltar, eu vou pedir para que ele arrume um capitão do mato para nós.

— Mande um recado ao Gabriel, ele pode deixar um dos dele aqui. Só até arrumar outro.

— Não é nenhuma sangria desatada. Sempre vivemos assim, e está tudo calmo.

A mulher evitou discutir com o marido e a conversa parou por ali.

Capítulo 2

*Iáué ererê aiô gumbê
com licença do Curiandamba
com licença do Curiacuca
com licença do sinhô moço
com licença do dono de terra*

Na fazenda Campo Alegre o forte aroma de alho está espalhado por todo canto onde tem um negro trabalhando. E tem escravo por toda parte.

Nos últimos dois anos, o número de escravos na fazenda tinha aumentado bastante, mas o trabalho aumentou muito mais. Com os constantes pedidos enviados da corte pelo senhor das terras, há muito tempo o que não faltava era serviço. E havia urgência em quase tudo, e isso significava jornada prolongada e um ritmo muito acelerado de produção.

Sempre com a chegada de Gabriel vinham as encomendas maiores e dessa vez não foi diferente, mas com a diferença de que a quantidade causou certa preocupação em seu filho, muita nos feitores e temor nos escravos.

Há poucos dias o senhor das terras tinha retornado à corte e aos seus afazeres de deputado, deixando o controle total da fazenda a cargo de seu filho de igual nome.

O único que parecia contente com o ritmo intenso da produção na propriedade era o escravo Ventura Mina, tido por todos como um otimista nato.

Ventura não se limitava apenas a incentivar com palavras os outros escravos. Terminava bem rápido suas tarefas e ajudava aos demais.

Trabalhador eficiente e bastante observador, sempre que lhe davam uma tarefa nova sabia exatamente como executar o trabalho, e não raras vezes com melhores resultados. E repassava tudo em forma de ensinamento aos outros.

Afora tudo isso cobrava rapidez e empenho dos demais, o que agradava os feitores, ao senhor moço, e chegava aos ouvidos do deputado Gabriel.

Aquela era mais uma manhã de sexta-feira na fazenda e o ritmo do trabalho era intenso.

— Vamos negro, assim — Ventura bateu o facão de corte na parte baixa da touceira de cana e aparou o feixe que deitava apoiando-o no joelho dobrado, enquanto com o outro pé impediu que as canas corressem. Bateu com o facão na parte de cima separando o caule próximo às primeiras folhas. — Não jogue, coloque a touceira alinhada, facilita para o carreiro.

O outro negro repetiu os movimentos.

Ventura aprovou balançando a cabeça.

Logo o carro de boi encostou e o escravo que carreava comentou:

— Eu vivo falando para esses negos não jogarem de qualquer jeito que atrasa para carregar, mas não adianta. É como falar com uma mula. Ventura, parece que são surdos, eles só entendem quando você fala.

A alguns metros de distância ouviu-se o grito do feitor:

— Ventura, vá para a catação de algodão, tem dois boçais lá, não falam a nossa língua, e não dá para explicar com o chicote. Depois volte.

Ventura Mina saiu correndo e não parou até chegar à área da cultura de algodão. Conhecia todos os negros e sabia de antemão quais eram os novos pretos a que o feitor se referia.

— Prendam o saco na tira de aperto da calça e deixem que vá arrastando entre as pernas, com uma das mãos abram a boca e joguem dentro o algodão colhido. — Ventura pendurou um saco na cintura e começou a catar algodão. — Não retirem as maçãs verdes e ainda não abertas. — Continuou a catação enquanto olhava o trabalho dos dois escravos. — Isso! Agora mais rápido. E não parem até a chegar a comida. — Explicou em jeje.

Ventura correu novamente para a plantação de cana-de-açúcar.

— Falou para eles que não tem essa de parar para descanso? — O feitor perguntou.

— Sim! Disse para aguardarem a chegada do almoço.

— Ótimo! Carregando mais rápido o carreiro está ficando folgado. Vá para o corte.

Estava escurecendo quando todos chegaram à senzala.

Ventura Mina viu um dos negros amarrado no pau d'alho. Um daqueles do algodão. Sabia que a disciplina era sempre aplicada antes da reza da tarde e durante a contagem dos escravos. Assim reunidos eram obrigados a acompanhar o castigo.

— Este negro foi pego sentado antes da hora de descanso — disse o feitor enquanto estalava o chicote. — Depois alguém explica para ele porque apanhou.

Vinte chibatadas depois o negro foi solto e Ventura se aproximou dele falando no idioma africano.

— Eu avisei para que não parasse o trabalho.

— Eu estava cansado, irmão — o negro respondeu no dialeto africano.

— Se fizer isso novamente as chicotadas vão dobrar... se os motivos forem os mesmos elas sempre vão dobrar em quantidade... e posso te garantir que a força do feitor no chicote também;

mostrou as cicatrizes nas próprias costas. Isso que você recebeu foi só um aviso. Agora, vai comer, depois uma das negras aplica um emplasto das folhas do pau d'alho para não sentar moscas.

Ventura comeu rapidamente e se afastou até um canto da senzala onde acendeu um cigarro de palha. Minutos depois, vários negros sentaram à sua volta e uma fogueira foi acesa.

— Eu soube de fonte fidedigna que numa das fazendas, não me contaram qual, mataram um negro no tronco. O pobre do coitado morreu de tanto apanhar. — Contou um dos negros.

— Isso pode ser verdade? — Outro escravo perguntou olhando para Ventura Mina.

— Se for, o feitor também vai para o tronco — respondeu Ventura.

— Não se lembra de que o Ventura já disse que somos valiosos demais para eles nos matarem — falou um negrinho mais afoito.

— É verdade! — Confirmou Ventura Mina. — Custamos caro e ninguém gosta de jogar dinheiro fora. Lembre-se que em 31 tudo se resolveu na chibata... eu também já fiz das minhas e tudo terminou no tronco. — Ventura comentou com o garoto, mas falando alto o suficiente para que todos os negros escutassem.

A fala atiçou a valentia de todos.

— É isso aí, quem não aguenta chibata que viva igual mariquinha — o garoto completou.

— Olha só quem fala, um moleque que ainda mal tomou uma coça — falou enquanto ria um dos negros mais velhos.

Não demorou a que todos se recolhessem na senzala, afinal o dia seguinte era novamente *dia de branco*, mas todos sabiam que o trabalho pesado ficava com os negros.

— Que isso, nega, veio sozinha? — um dos negros perguntou assim que uma negrinha entrou na área dos homens com passos furtivos.

— Só eu mesmo, umas não podiam e as outras não quiseram vir. E tem uma coisa, só dois ou no máximo três, depois acabou. — Respondeu a nega se sentindo dona do galinheiro.

— Eu! Nega, faz seis meses que não tenho uma mulher — falou um dos negros.

— E vai ficar mais, já prometi pro Joaquim e pro Antônio. Posso ficar com mais um, mas tem vários que me trouxeram regalos, e eles têm que ter prioridade. Não me lembro de ter recebido nenhum agrado seu, por isso vai ficar na mão.

Ventura Mina não se envolveu na disputa pelos favores da negra, levantou-se da rede onde estava deitado e pegou um embornal que estava pendurado em um dos esteios e sem dizer nada a

ninguém deixou a senzala rumo à cavalaria da fazenda.

Alter-do-chão estava deitado, mas assim que percebeu a chegada do negro pôs-se em pé e se aproximou da portinhola da baia.

— E aí, meu velho, ainda vivo?

O cavalo bufou e bateu com uma das patas no chão como em uma espécie de protesto.

Ventura retirou um torrão seco e esfarelento de uma mistura de farinha de mandioca aglutinada com a espuma do tacho de fabricação de rapadura e com a palma da mão aberta ofereceu ao animal.

O animal limpou a mão do escravo com o focinho e voltou a bufar.

— Toma! — Ventura entregou outro pedaço da mesma forma, e o cavalo não demorou a bufar novamente.

O escravo passou a mão sobre a cabeça do animal e sob a luz da lua os dois pareciam de um mesmo preto intenso.

Minutos depois voltou para a senzala.

Novamente deitado na rede ficou a pensar no animal e na história que tinha ouvido por várias vezes:

“Alter-do-chão é um dos que restaram das invasões napoleônicas a Portugal. Foi presente do rei a Nhô Gabriel.”

A parte de quem foi o presente apenas lhe interessava por saber que o animal também fora retirado de seu lugar de origem, de casa, cruzou o Atlântico e veio a ser entregue para alguém nesse lugar. O que mais lhe importava e o prendia ao animal, além da cor, era o fato de ser, como ele, mais um sobrevivente.

Ele precisa de muito pouco... umas bolotas doces à noite é tudo por quanto espera. Pensou, enquanto refletia que gostaria de ser igual a ele.

Mas não podia, suas obrigações para com os irmãos e com a liberdade de todos o impedia de aceitar passivamente aquela situação.

Antes de adormecer, reviu toda sua vida na África quando era mesmo rei de uma das tribos mina.

Quantas batalhas ele não tinha travado com tribos rivais apenas para fazer prisioneiros e então vendê-los aos traficantes, até ser a sua vez de perder uma das guerras e ser feito prisioneiro... e ser também vendido como escravo.

Melhor assim, concluiu. Sabedor que era de que antes dos negros terem algum valor para os vencedores, mesmo o sendo apenas para serem vendidos como escravos, o destino certo era a morte e a completa exterminação de homens, mulheres e crianças da tribo vencida.

Sempre lutamos... sempre uma tribo contra todas as outras, uma guerra sem fim, interminável e impossível de ser vencida. Por mais forte que fosse uma das tribos. Aos poucos ele foi sendo vencido pelo sono e os seus pensamentos foram se transferindo para um sonho... quase um pesadelo.

Viu a tribo que recebera de seu pai, forte, numerosa e poderosa ser enfraquecida luta após luta pela perda de seus melhores homens em combate, batalha após batalha. Enriquecida pela venda de escravos em muitas coisas, que agora via como das ambições as mais tolas: gado, utensílios, joias e quinquilharias, mas pobre no que ele mais precisava naquele momento crucial: guerreiros.

O pesadelo se aprofundou e ele se mexeu na rede em desespero. Seus parentes e amigos mais próximos morriam um a um em um combate que não podia mais ser vencido.

— Não! Sim! Sim! — Resmungou a rolar na rede e puxar as laterais para encobriu o rosto. Em sua mente o resmungo soou como gritos. Não, não queria se render, queria a honra de morrer junto aos outros e, sim, sim, ele tinha que ordenar a rendição para que todos não fossem mortos. Era parte de suas obrigações de rei. Tinha que render-se. E a rendição trouxe novamente a paz.

As visões sumiram e com elas o choro.

Capítulo 3

*Cidade de Ouro Preto,
Maio de 1833*

Francisco está sentado na varanda da casa-grande de sua fazenda e observa o trabalho de seus escravos no terreiro, nas áreas de cultura próximas à vivenda, no engenho e no moinho. Ele sabe que a movimentação também é intensa em áreas mais distante e fora do alcance de seus olhos.

O seu semblante está franzido e seus olhos estão fixos em um ponto do horizonte onde sabe estar a cidade e seus problemas atuais. Seus e dela.

A perna direita está cruzada sobre a esquerda como em descanso, mas ela não descansa. Vez por outra dá pequenos chutes no ar ao mesmo tempo em que leva a mão direita à cabeça empurrando os cabelos para trás. É fácil perceber a força com que faz esse movimento repetitivo e inconsciente, pois os cabelos arrancados pelo ato ficam grudados à mão aderidos pelo suor que lhe banham a fronte.

E se isso for longe demais, pensa enquanto balança a cabeça. Como eu vou viver sem os meus escravos?

Gira o chapéu entre as mãos.

Repassa mentalmente os planos, e meia-hora depois resolve aceitar os riscos. Não tem opção.

— *Alea jacta est* — A sorte está lançada! —
Repete a célebre frase de Júlio César.

Levanta-se e deixa a varanda onde estava sentado. No pátio monta em um cavalo que tinha sido deixado ali por um escravo, arreado e preso a uma argola de amarra chumbada ao pé da escada de acesso.

Coloca o cavalo a galope na estrada de terra que liga a fazenda à cidade até se aproximar das primeiras casas onde puxa as rédeas obrigando o feroso animal a entrar em ritmo de marcha.

Prossegue com o animal a passo olhando à sua volta as casas fechadas. Sabe que não estão vazias, mas que o medo estava obrigando os moradores a ficarem quietos em seu interior ao menor sinal de barulho no lado de fora. Ninguém se arrisca a abrir uma porta ou uma janela e muito menos a colocar a cabeça para fora para ver quem passa.

Predomina o silêncio, e os poucos barulhos que consegue ouvir são o da própria respiração e o fungar e pisar da sua montaria.

Durante todo o tempo olha atentamente para os lados e foca cada esquina à sua frente à procura de algo ou alguém que ofereça perigo.

Continua sem cruzar com viva alma, apesar daquele horário do dia sugerir uma forte animação no comércio local, e ele entranha sentir falta das crianças brincando pelas ruas e de suas algazarras, e até dos cachorros importunos latindo atrás do cavalo.

Uma hora depois apeia do cavalo em frente à câmara de vereadores da cidade, onde sabe estar aquartelada uma dúzia de soldados que têm praça nos diversos corpos, tanto da tropa de linha, como da Milícia Urbana. Seu tio, o sargento-mor o tinha avisado ainda na noite anterior, ocasião em que ele relatou um pouco do ocorrido com as tropas.

Os dois sentinelas, em atitude imprudente, se mantém sentados cada um de um lado da porta de entrada e não prestam muita atenção para ver quem está chegando. Apenas um deles se dá ao trabalho de levantar os olhos.

Os rifles de percussão novos, os dois únicos do destacamento, estão com os em sentinela como uma forma de intimidação às forças inimigas, isso por que creditam a eles um percentual próximo de 90% de disparos efetivos, contra menos de 50% das antigas armas de pederneiras, e ainda menores com as de fecho de mecha. Mas ironicamente eles estão largados ao lado, com as coronhas apoiadas no piso da calçada e canos encostados na parede.

Francisco passa entre os dois soldados sem ser importunado e entra em uma sala ampla onde uma dezena de praças está esparramada pelos cantos; uns estão dormindo. Outra vez, não houve qualquer embaraço ou questionamento.

Ao fundo uma porta mantida trancada fez com que Francisco precisasse bater.

— Comandante... — sem obter resposta, ele insiste — comandante! — dessa vez mais forte.

Do lado de dentro da sala vem um ruído de uma cadeira escorregando e o baque seco de um corpo batendo no assoalho. E uma voz assustada responde:

— Quem... quem é?

— Eu, o Francisco, Francisco Teixeira.

— Um momento — responde a mesma voz masculina.

Francisco acompanha o barulho do ferrolho da porta sendo puxado e acompanha com o olhar ela sendo aberta para dentro. Um cheiro forte de suor toma conta de suas narinas, mais forte que o dos dois homens lá fora e dos dez da antessala juntos.

— Dias difíceis?! — Fala ao homem fardado à sua frente.

— Nem me fale, mas entre e sente-se.

Francisco ocupou uma das cadeiras.

O tenente-coronel português, recém-chegado de Angola, confia:

— Eu perdi 14 homens e tenho quase 30 feridos, alguns não vão resistir. Mas não mandei te chamar por causa disso, o que está feito está feito. Conforme eu havia previsto não vamos mesmo aguentar até o dia 26, eles agora dominam Santa Rita, José Correia e Santa Quitéria da Boa Vista, ou seja, a entrada da cidade e a nossa principal fonte de abastecimento, as fazendas do distrito de José Correia. O que menos precisamos agora é que recebam reforços de São João Del Rei.

— Por isso eu mandei um mensageiro com ordens para que os negros iniciem de imediato a insurreição. Não foi isso o que me pediu?

— Sim! Suponho que pelo tempo de viagem isto deva ocorrer depois de amanhã.

— Impossível, por mais que force a montaria só chegará ao anoitecer. Na segunda é mais certo.

— Ruim para os planos originais que previa uma rebelião em dia de domingo. Os proprietários e familiares estarão nas fazendas.

— Passei a manhã pensando nisso, mas não havia mais o que fazer — completou Francisco com os nervos à flor da pele.

— *Alea jacta est* — Disse o tenente-coronel.

— Também pensei nisso.

— Deixa pra lá, qualquer coisa que aconteça em São João Del Rei, só vai nos fazer ganhar mais um tempinho, não muito. Mas o suficiente para o que precisamos: uma rendição honrosa. A minha família está em Angola, tenho meus filhos, meus escravos e parentes que quero trazer para o Brasil.

— Sei que não pretende pagar os direitos de alfândega para trazer os seus escravos, mas com a derrota de ontem... não sei não. Além do que... isso pode abrir um precedente... se concordarem com o senhor, coronel Pedro.

— Não se trata de não querer pagar, não tenho como pagar com o soldo; militar que não tem outra atividade morre de fome. No mais, sem o levante teríamos que aceitar de um modo passivo as atuais lideranças da região. E eu posso usar a rendição como moeda de troca.

— Isso é verdade — responde Francisco sem muito ânimo. Não vendo em que aquilo o ajudaria nos seus planos pessoais. *Você resolve os seus problemas, mas e eu, e todos os outros envolvidos, ganhamos o que com isso?* Pensa.

— Sendo *um homem das estradas*, como o Gabriel não cansa de falar quando se refere a você, também deve se preocupar. — O militar quis dar a entender que Francisco não se limitava a conspirar entre quatro paredes, e o outro entendeu o recado.

Por alguns instantes Francisco ficou coçando o queixo, repassando rapidamente até onde estava envolvido em tudo. Como sempre, não gostou do resultado da conclusão: estava envolvido até o pescoço, mas nada mais podia fazer quanto a isso.

— É... meu compadre é esperto, mas não tem como me vincular a nada... a não ser como alguém simpatizante à causa, e fazer isso é o mesmo que incluir metade de Ouro Preto. Ademais, pelo que está ocorrendo aqui não vale o confronto direto, e ele sabe disso.

— Você tem razão! Aliás, esse é o motivo do fracasso do nosso movimento. Achamos que toda a cidade de Ouro Preto se uniria a nós... e, depois, os distritos vizinhos.

— E ficaram com uma centena de homens.

— Não, apenas meia-centena de *mecânicos*, a grande maioria preocupada com seus negócios.

— O número de alistados era maior.

— Desertaram e fugiram para o sertão. Os brancos sabem que lá serão recebidos de braços abertos, e os negros preferem sofrer hostilidades no interior a cumprirem prisão perpétua na Guarda Nacional. Isso sem contar que é forte a crença de que a Guarda Nacional foi criada para escravizar os pardos.

Francisco pensou, antes de comentar:

— Então, esse negócio dos terços de homens pardos e negros libertos para a Guarda Nacional não serviu para nada.

— Sem soldo, como eles vão sobreviver — devolveu o tenente-coronel. — O que você acha que vai acontecer em São João Del Rei?

— Impossível de se saber com os pretos no comando da operação, tendo de decidir por conta própria o que fazer. Uma coisa é certa, tumulto.

— Bom, quanto mais, melhor. Isso vai fazer com que os ditos legalistas daquela região fiquem presos por lá... ao menos por uns dias.

— É, vão ter que abafar a insurreição ou ela vai se espalhar como fogo em palheiro... e esse é o meu medo — Francisco confessou.

— Que nada, preto quer ser livre para ter escravos também e não só para ser livre. Tá cheio de negro forro mais rico do que eu — lamentou o militar com uma ponta de inveja.

— Se duvidar, mais rico até do que eu. E não estou brincando quando falo — Francisco disse.

— Não é de duvidar, fiquei sabendo que tem escravo que tem escravo.

Francisco riu e em seguida ficou sério, antes de responder:

— Acho que ainda não, mas espere para ver.

— Isso é uma vergonha, o fim...

— Voltando ao nosso problema, o que você acha que o Barão de Pontal vai fazer quanto ao fato, à revolta frustrada, quero dizer. — Francisco fez a pergunta prevendo a volta do presidente deposto ao comando das Gerais.

— Exatamente o que ele sempre diz.

— Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

— É isso aí! Repetindo palavras do Marquês de Pombal, pelas quais ele guia suas ações.

— E com vocês? — Francisco perguntou.

— O Barão é agarrado a certos princípios que retirou dos ensinamentos do Marquês e não vai mudar. Ele sempre repete com veemência que é mais eficaz a moderação com que se repreende do que a severidade com que se castiga. Ele vai se manter fiel a esse princípio também.

— Os princípios do Marquês de Pombal.

— É isso aí! — o militar confirmou.

— Então não precisamos nos preocupar com ele! Mas e os da corte?

— Ele os segura, não deixará desestabilizar a província. Isso eu posso garantir. Preocupe-se com seu compadre, se ele sobreviver, um dia vai ser barão — profetizou o militar.

— Quero estar morto nesse dia.

Capítulo 4

*Emo quá,
Inganazambi eu sô fia,
Emo quá, Emo quá,
lá no campo do Rosário,
Emo quá*

Eu cresci ouvindo histórias de lutas e mortes, muito mais de mortes do que de lutas, dada à desigualdade entre as forças envolvidas nesses confrontos.

Tenho em mim, visíveis e profundas, as marcas da maldita jiboia, para quem quiser ver. Na verdade bem poucas se forem comparadas com a infinidade das que estão gravadas em meu cerne; aquelas que acertaram os negros fazendo com que suas dores reverberassem até o meu âmago.

Nus, com os braços à minha volta, e mãos atadas, qual em um abraço apertado que forçavam ao máximo do aperto a cada chibatada recebida. Boca colada, fungando, bufando, dentes cerrados ou me raspando por ser impossível morder. Unhas cravadas, quebradas e fincadas em mim.

Suor escorrendo e seu cheiro de dor subindo.

Gritos de ódio, pragas lançadas, rezando, por perdão implorando, rogando a um santo, a todos

os santos, e ao final todos eles terminam calados. Vômito, urina e corpo sangrando até o desmaio.

Qual em um ritual eu sempre emanei meu cheiro para acalmá-los. Confortá-los. Levantá-los.

Assim, aqui, nesse lugar que eu estou agora, continuei a minha missão, trabalhando a minha personalidade em cima das bases que eu trouxe de muito longe para estas paragens, mas é certo que nunca abandonei minhas convicções.

Não, não posso dizer que eu vim aqui para confabular com o mal, mas, sim, me embebedar dessa energia que nesse lugar existe em profusão; e que pode muito bem me ajudar em meus propósitos de liberdade para todos os negros.

Minha mente está inundada de lembranças e repleta de pessoas que fizeram parte da minha vida e da minha história antiga, às quais eu junto as de agora.

Um aroma de alho tomou conta do lugar, e os pretos se sentiram protegidos contra mazelas, mau-olhado e palavras maldizentes.

Sou um poço de memórias e de recordações! Mas, dada a minha situação, talvez fosse melhor dizer um tronco.

Dos antigos, ouvi muita falácia entremeada com algumas verdades que chegaram até mim em contos falados como se fossem de fatos históricos,

espalhados de boca em boca como que levados pelo vento.

Sempre uma história de duas faces, dois lados, duas versões que somente em alguns pontos se tocavam: aquela contada pelos negros e a versão, não pouca das vezes escrita, contada pelos brancos à sua moda. E tal como a fábula As mil e uma noites, dariam um glossário de terror e de piedade, de ódio e de amor, de brutalidade e de delicadeza, de comportamentos cruéis e atos generosos, e de traições e paixões loucas.

Em 1751, eu tinha apenas dez anos de idade, mas consegui entender o que era um massacre, até porque isto me foi explicado de uma maneira que “até uma criança conseguia entender”, e eu não passava de uma delas: “multiplica por 1.000 o número de mortos que você já viu até hoje”; e eu já tinha visto quatro.

“Dá quatro mil negros mortos”, lembro-me de ter comentado, embora a conotação fosse mais a de bastante, isto porque, no meu entendimento infantil, mil significava isso. Muito!

“Três mil e novecentos, contados um a um, orelha por orelha, todas cortadas e colocadas em sacos de estopa”, me confirmaram.

Eu precisei usar a imaginação para ter noção desse número e imaginei um tapete de corpos.

“Onde foi isso?” Foi a minha pergunta de relance, mesmo sem saber por que o assunto me interessava. Não naquele instante.

“No quilombo do Rio das Mortes, a muitas léguas daqui”, completaram a informação.

“Quero conhecer esse lugar!”

Recém-chegadas da África, onde nós fomos pegadas e arrastadas para um porão de navio, minha mãe e eu só nos falávamos em bantu, nessa época ainda não passávamos de duas boçais.

Em África eu só tinha visto a manifestação da *kalunga* em nascimentos. Da outra passagem, a morte, só tinha ouvido falar de sua existência. Em dialeto *kikongo* não é empregada para a morte de animais, até porque significa a passagem da linha do Mundo dos Mortos, em um sentido e no outro.

A vontade de conhecer mais sobre a morte me impelia a isso. Aquele lugar, palco de muitas delas, um lugar de muitas passagens para aquele mundo, me seduzia. Podia ser apenas curiosidade de criança, mas eu nunca consegui me livrar desse desejo. Porém, à época, minha pouca mobilidade não era só em relação ao fator idade, mas, também, à condição social. Eu era escrava. Demorei um pouco para entender o que era isso, mas acabei entendendo, e tive a certeza de que não era bom. Em 1773, com 33 anos de idade, finalmente

consegui a tão sonhada liberdade, que, por não ter sido muito longa, não me permitiu ir conhecer o lugar dos meus desejos de criança, e que ainda me acompanhava. Depois, a minha capacidade de locomoção foi totalmente restringida.

Ainda continuo presa ao solo, mas livre.

E, pelas agruras da vida, aqui, no lugar dos meus sonhos, exatamente onde eu queria estar há exatos 33 anos, por isso, com a mesma idade.

E com vontade ainda maior de fazer livre a todos os da minha raça.

A vida estava me dando uma nova chance, e, de certa forma, realizando o meu pedido. É fato que com algumas faculdades restringidas, mas, em compensação, com a sensibilidade aumentada.

Eu não apenas posso ver e escutar tudo o que se passa à minha volta. Posso sentir! E isso me permite avaliar e prever fatos que de outra maneira passariam despercebidos. Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que sou grata a essa condição.

Agora eu sou mais forte e poderosa do que antes, não apenas posso incitar os outros... posso usá-los. E, de quebra, sou dona de uma memória fantástica.

Tenho tudo gravado!

Veza por outro revejo a história para dela não me afastar em meus propósitos.

O que eu posso dizer sobre os bandeirantes que primeiro desbravaram esse sertão é apenas o que ouvi contarem.

Que naquela época, a presença de escravos já era constante, principalmente de índios, pois eles sabiam enfrentar a fome, e eram habilidosos na caça e também na pesca. E que a escravidão indígena foi diminuindo, passando-se a escravizar africanos, pois esses eram mais fortes e resistentes para o trabalho forçado.

E, que, na primeira década de 1700, a região de São João Del Rei foi palco da Guerra dos Emboabas e do exemplo mais marcante de traição que se tem notícia na história: 300 paulistas executados covardemente depois de se renderem com a promessa de misericórdia.

Isso deixou o lugar marcado com a alcunha de Capão da Traição.

A fuga de escravos era constante, e muitos morriam tentando; outros morriam de saudade da África e ou se matavam pelos mesmos motivos. Os que conseguiam fugir, se organizavam em grupos e montavam acampamentos nos matos do sertão, longe das vilas dos brancos. Chamavam de quilombo, que significa refúgio ou abrigo.

Foi nessa época que a minha mãe e eu fomos trazidas para cá.

Com a violência sempre presente, caminhos perigosos e vida incerta, tendo como maior ameaça os escravos fugitivos reunidos nos tantos quilombos, principalmente o do Rio das Mortes, em 1751, uma tropa de 1.000 homens bem armados veio e matou mais de 3.900 negros que se defenderam com o uso de lanças e pedras.

Meu ódio crescia a cada negro que eu via ser injustiçado e ou morto, porém, depois de passar bem perto da fogueira resolvi ficar mais esperta e não mais destilava meu ódio aos quatro ventos.

Tudo tem a sua hora!

Sensível, eu posso pressentir que mais um massacre está se engendrando tendo essa região como palco. Ele estava próximo. E desta vez, e pela primeira vez em mais de meio século, eu iria rir.

Vou rir muito.

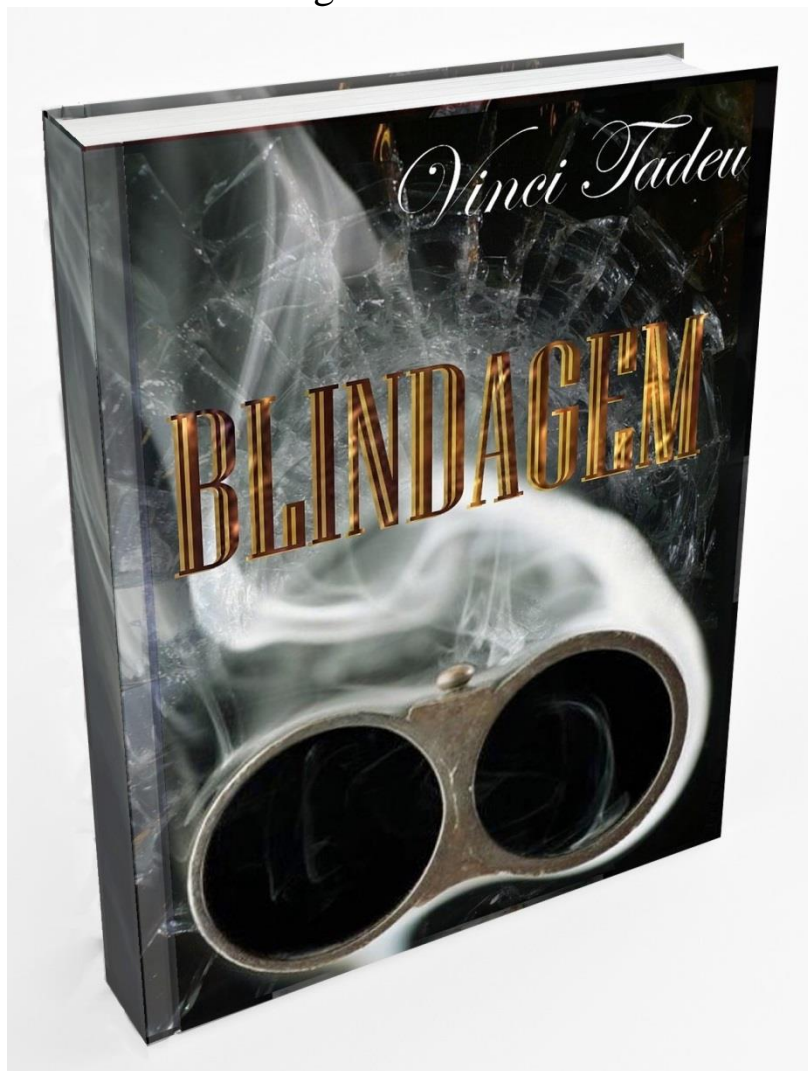
Por enquanto, sufoco meu riso.

Até isso acontecer, eu estou vendo e ouvindo o que os brancos fazem e dizem, e controlando os negros para fazerem o mesmo que eu: a também esperarem pela hora certa de atacar e serem livres.

De uma maneira ou de outra.

EM BREVE NAS MELHORES LIVRARIAS

Leia na íntegra em PDF



Disponível para baixar – GRÁTIS – no site:

www.viniciustadeu.com